



# APRESENTAÇÃO

## *Sexualidades e Gênero na História*

**Fábio Vergara Cerqueira**

Universidade Federal de Pelotas

**Daniele Gallindo Gonçalves Silva**

Universidade Federal de Pelotas

Nunca se discutiu tanto acerca do tema da sexualidade e do gênero. Se, por um lado, assistimos ao ganho de espaço de movimentos que sempre buscaram a legitimidade de práticas cerceadas pela heterossexualidade compulsória – para utilizar um termo cunhado por Adrienne Rich<sup>1</sup> –, por outro lado, movimentos contrários a essa liberdade corporal e individual crescem em larga escala.

Pensar a sexualidade e o gênero no percurso histórico é, antes de mais nada, uma busca pela compreensão de estratégias e práticas reguladoras e disciplinadoras em relação aos corpos. Corpos que muitas vezes não queriam e não buscavam se enquadrar em uma matriz heterossexual. Sexualidades desviantes, com esse termo se procurou enquadrar uma gama de manifestações que desafiavam a lógica patriarcal, a qual se pensava como única forma possível de existência. Todavia, também há a necessidade de se pensar corpos outros, corpos esses que se mantêm dentro do paradigma normativo e pregam pela manutenção desse *status quo*.

---

<sup>1</sup> Cf. RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução de Tradução: Carlos Guilherme do Valle. In: **Bagoas**, n. 05, p. 17-44, 2010. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf)>. Acessado em 14/07/2016.

Entre construções do passado – presentificadas por historiadores, críticos literários, arqueólogos, sociólogos, filósofos dentre outros – e as expectativas em relação ao futuro no que tange as relações de gênero, presenciamos embates diários que (re)constroem as bases para compreendermos as interações sociais e as subjetividades.

A proposta desse dossiê, de revisitar o tema da sexualidade e do gênero, contempla, portanto, uma necessidade do nosso presente de compreender como os corpos vêm sendo moldados histórica e culturalmente por estruturas de poder e disciplina que escapam de nossas mãos e que criam raízes profundas em nossa forma de nos entendermos e apresentarmos no mundo. Os textos aqui reunidos são o resultado de pesquisas internacionais e nacionais acerca do tema da sexualidade e do gênero e abarcam um longo período histórico – da antiguidade ao contemporâneo – e analisam as mais diversas fontes de construção de saber.

\* \* \*

Nada mais justo, para abertura do dossiê, que um tributo a um dos pilares da historiografia da sexualidade, Michel Foucault e a *História da Sexualidade*! O leitor brasileiro tem a oportunidade agora de conhecer este minucioso estudo sobre os manuscritos originais da trilogia, doados à Biblioteca Nacional de França. Publicado originalmente em francês, em uma coletânea dedicada ao impacto da obra de Foucault, sobre os estudos da sexualidade na Antiguidade, três décadas passadas do último volume da trilogia,<sup>2</sup> Frédéric Gros se ocupa com o intrincado processo de construção textual de *Uso dos prazeres* e *O cuidado de Si*; que, a seu ver, “constituem, com efeito, um marco histórico sobre o sujeito sexual antigo”. A análise dos vários manuscritos pelos quais Foucault faz e refaz, ordena e reordena estes textos, ajuda a compreender algo que não ficava muito claro ao leitor de Foucault, que era o tom diverso destas duas obras com relação ao volume inaugural da série: “eles aparentavam demasiada calma e serenidade: nenhuma provocação aparente, um estilo

---

<sup>2</sup> BOEHRINGER, Sandra; LORENZINI, Daniele. **Foucault, la sexualité, l'Antiquité**. Paris: Éd. Kimé, 2016.

de uma sobriedade exemplar, comentários milimétricos dos textos antigos... Esta impressão é enganosa [afirma Gros]. Sob o verniz de uma escrita sem sobressaltos, quase transparente, é preciso reencontrar as energias de recomposições múltiplas, as nervuras de intensidades teóricas, mas escutar, talvez e sobretudo, alguns ecos surdos". Ele conclui falando da necessidade, para compreendermos estes dois textos, de os colocarmos em relação com *As confissões da carne* e *O governo de si e dos outros*, que ficaram inconclusos e aguardariam uma edição, mesmo que incompleta e lacunar, para uma visão mais completa do pensamento foucaultiano dos *aphrodisia*.

O segundo texto do dossiê revisita, por sua vez, um dos pilares da literatura erótica antiga, Safo. Em 2004 os estudos da poetisa de Lesbos foram sacudidos pela descoberta casual de um papiro, encontrado em Colônia na cartonagem de uma múmia. Trata-se do *P. Köln* (nº inv. 21351) que permitiu completar o Fr. 58 (Voigt), até então bastante incompleto. No artigo "Eu sou Titono, eu sou Aurora", Sandra Boehringer, uma década e uma centena de estudos após a divulgação desta descoberta, retoma o estudo deste "novo" fr. 58 de Safo, enfocando performance e erotismo. O que se pensava até então ser apenas um poema sobre a velhice, foi redimensionado, em combinação com o aporte teórico dos estudos de gênero, permitindo identificar três temporalidades neste canto: "aquela do instante alegre da performance musical, aquele da lembrança do doloroso momento no qual a velhice está presente e, enfim, a evocação radiante de um rapto amoroso: aquele de Titono pela poderosa deusa Eos [Aurora]". Boehringer, em sua interpretação, aponta como este "poema canta o amor e a sua força, [como] ele propicia identificações e paralelos transidentitários, de transidade (no que se refere à mudança etária) e transexuais", concluindo que Eros não respeita as fronteiras dos sexos.

Lourdes Conde Feitosa, Poliana da Silva Almeida Santos Camargo e Maria Ivone Marchi-Costa, analisando a literatura e epigrafia do séc. I d.C., propõem um estudo das composições de gênero nas constituições dos corpos, considerando suas relações sexo-afetivas, sensibilidades, tolerância em diferentes épocas. A Antiguidade romana serve para pensar "as configurações sexuais e/ou afetivas relacionadas ao uso do corpo

como lugar de definição do espaço social, mas também como *locus* de resistência, questionando comportamentos definidos como próprios da natureza humana e retorquindo supostas tradições, autoritárias e normativas, a respeito das construções de gênero e do lugar da sexualidade”.

Os textos que seguem oscilam entre religiosidade e poder, entre masculinidade e feminilidade. O culto a Príapo na Antiguidade Romana é o foco da contribuição de Pérola de Paula Sanfelice e Alexandre Cozer. Através de um cotejamento entre fontes literárias e arqueológicas, a *Priapeia* romana e a cultura material de Pompeia, buscam ir além do modelo interpretativo de esquema de poder (falocracia) fundado na separação de gênero, incorporando a dimensão místico-religiosa, de “uma função fertilizadora dessa divindade, que pode indicar um olhar para o sexo menos atento a configurações de poder e mais relacionado com a fluidez da vida e com a potência do sexo”.

Duas contribuições abordam a masculinidade, de perspectivas bem distintas. “Adriano e a Masculinidade”, assim intitula-se o texto de Filipe N. Silva e Pedro Paulo Funari. Os autores procuram mostrar como é limitado empregar conceitos modernos de gênero e sexualidade para a interpretação de sociedades do Mediterrâneo Antigo, tomando como base o que se dizia, entre os antigos, e o que se diz, entre os modernos, acerca deste imperador romano e seus amores, enfocando em especial sua relação com Antínoo, razão pela qual “Adriano figura na historiografia contemporânea sob a égide de homossexual”. O argumento, então, se desenvolve em torno dos problemas relacionados ao uso de “categorias inexistentes na Antiguidade”, que “requer certa apreciação crítica por parte” do pesquisador moderno.

De outra perspectiva, a “homossexualidade” antiga retorna, no estudo proposto por Renato Pinto, ao trazer a questão do “amor grego” como ideal cultivado entre poetas da Inglaterra vitoriana, época em que, paradoxalmente, “a virilidade parece ter encontrado lugar triunfal nos discursos nacionalistas e imperiais do governo e da Academia britânicos”. A homossexualidade de outro lado interessava ao discurso e práticas médicas, ao mesmo tempo que a pederastia grega era idealizada para

fundamentar o ideal uranista. Vemos aqui exemplificada uma tendência da historiografia da sexualidade, em que o Antigo e o Moderno dialogam de forma profícua na construção dos modelos de análise, inserindo-se no campo de estudo dos “Usos do Passado” ou “Recepção da Antiguidade”. O uranismo ao mesmo tempo cultiva uma estética idealizada que relê a sexualidade antiga e “representa aspectos dos discursos étnicos do Império Britânico”.

A parte voltada à Antiguidade greco-romana, deste dossiê, encerra-se com dois estudos sobre as mulheres. Tais Pagoto Bélo preocupa-se com o quanto a figura da mulher foi por muito tempo invisibilizada nos estudos históricos, em especial no que se refere ao mundo provincial romano. Seu olhar se volta para a Britannia, para mulheres romanas e bretãs, e para como “não era um grupo homogêneo”, pois, para “a população que ali já havia se alojado quanto para a que veio depois [da romanização]”, havia “grande variedade de ideias a respeito do *status* das mulheres e da forma como elas deveriam conduzir suas vidas”. Em seu estudo, propõe-se cotejar, de um lado, autores romanos, tais como Tácito, e, de outro, material epigráfico, contidos em altares, lápides e sepultamentos: enquanto os primeiros tendem a “expor as mulheres por meio de características pejorativas”, o registro epigráfico, diferentemente, testemunha o uso de “palavras carinhosas e amorosas dadas a elas nesses locais de óbito”.

“No hay ninguna duda de que la mujer participó en y de los espectáculos romanos” – assim María Engracia Muñoz-Santos anuncia seu estudo, em que se dedica a nos mostrar a mulher onde muitos supunham que ela não estivesse: nos espetáculos, e não somente como público, mas em cena. A autora critica certa historiografia e opinião generalizada de que a presença feminina nestes espetáculos estivesse vinculada a elementos de sensualidade, qual um objeto sexual, o que, para ela é “un grave error que los historiadores debemos enmendar”. Ela acusa que “los investigadores modernos se hayan dejado llevar muchas veces por una imaginación algo exagerada, transmitiendo al lector un retrato bastante sexualizado y muy

erotizado de aquellas mujeres”, mas que “no tiene ningún fundamento a tenor de lo que nos cuentan las fuentes textuales y arqueológicas”.

O texto de Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos faz a transição entre o conjunto de textos focados na Antiguidade, e aqueles voltados ao Medievo e mundo cristão em geral. Bastos apresenta em seu texto permanências e transformações do feminino e masculino dentro de um longo período histórico, analisando a figura adâmica do progenitor: “o homem primordial, bissexuado, andrógino, portador da bi-idade e totalidade: a perfeição humana”. *O parto masculino: as relações entre o sagrado e feminino e a criação de Eva na tradição judaica e cristã* apresenta um passeio pelas imagens femininas e masculinas mais recorrentes da tradição judaico-cristã e conclui que houve uma usurpação não somente “[d]os poderes da Grande Deusa, mas, no sentido meta-biológico”, ocorreu uma subversão “[d]as condições do nascimento humano quando é o Homem quem possui o poder de dar à luz, inclusive sendo o progenitor do feminino”.

O governo de Urraca I (1109-1126) e Afonso X (1221 – 1284) são tema dos trabalhos de Luísa Tollendal Prudente e Douglas Santos Bastos, respectivamente. No primeiro artigo, é apresentado um resumo das fontes medievais e da historiografia dedicados ao período e ao governo de Urraca I com a finalidade de compreender como as questões referentes às construções de gênero foram trabalhadas pelos pesquisadores até o momento. Prudente conclui que “a problemática do exercício feminino do poder régio na Idade Média castelhana, levantada pelo governo de Urraca I, carece ainda de abordagens que se proponham à utilização da categoria ‘gênero’”, principalmente no que tange ao seu caráter relacional. O artigo de Bastos foca-se na questão da prostituição como parte do “projeto político centralizador afonsino”, concluindo que este “tinha por pretensão não somente questões de ordem morais como também a manutenção da “paz do reino””. Desta forma a prostituição, e tudo que a envolve, possui tanto um caráter “de ordem moral como também econômico”, visto que “os prostíbulos públicos proporcionavam rendimentos anuais vultosos”.

É através de modelos que se estabelece a institucionalização e manutenção dos referidos papéis de gênero que se normalizam de acordo com as necessidades de determinada cultura e tempo. Nesse contexto, a família e a escola são espaços de poder nos quais o gênero é construído, e pode ser desconstruído, de acordo com os interesses de determinada comunidade. Os textos de Cícero Edinaldo dos Santos, Anelise Martins de Barros e Eliana Evangelista Batista demonstram o quanto o Estado pode intervir na vida privada a ponto de criar modelos de feminino e masculino nos quais os indivíduos têm que se enquadrar. Após a apresentação de um panorama histórico, Santos finaliza seu artigo afirmando que a invenção da família moderna está ligada a questões morais e estabeleceu-se através de “técnicas de controle”, uma vez que “[a]o mesmo tempo em que se inventa o que deveria ser a família moderna, também era inventado para que e por que ela tinha razão de existir”. Barros centra sua análise na construção do papel feminino dentro da família durante os anos de 1920 e 1936 na URSS, demonstrando que o corpo social, aqui representado pelo Estado, se estende ao corpo individual, principalmente ao corpo feminino – o controle da natalidade – e o impacto desse na construção das famílias e do bem-estar social. Se o cerne das discussões propostas por Santos e Barros é a família, Batista concentra sua análise no âmbito da escola, mais especificamente, “[n]as normalistas e [n]o magistério primário durante o Estado Novo (1937/1945)”. O artigo propicia uma análise na qual literatura e história caminham lado a lado. Ao analisar o texto literário *Pelos Caminhos da vida de uma Professora Primária* (1978), de Maria Feijó de Souza, Batista aponta para o fato de que “a noção do magistério primário como algo ajustado à mulher, por conta da “vocação”, do “amor”, da “aptidão”, da “missão”, entre outras características que elas supostamente tinham, e que foram recorrentes tanto no discurso literário quanto histórico, são construções sociais, instituídas, sobretudo, pelas Escolas Normais, para as quais o Estado Novo definiu normas e conduta”.

Os artigos de Marcial Humberto Saavedra Castro e Marcos Vinicius Ferreira Trindade concentram-se na figura feminina. Castro traz uma reflexão acerca da condição feminina e sua ressignificação em períodos de exílio (na América Latina), visto

que os papéis sociais anteriormente cumpridos por essas mulheres, no espaço privado, dá lugar a novas configurações dentro do espaço público, considerado “uma arena masculina”. Trindade analisa a obra literária *Dôra, Doralina* de Rachel de Queiroz em busca das representações de femininos: dimensões outras de femininos possíveis. Desta forma, o autor conclui que “Raquel não rompe com a dominação masculina, ela utiliza essa dominação em benefício à sua protagonista, contribuindo para a sua própria emancipação”.

Fechamos esse dossiê com a contribuição de Douglas Ostruca e Guilherme Carvalho da Rosa que propõem uma análise do filme brasileiro *Tatuagem* à luz das reflexões propostas por Judith Butler. A representação do corpo é, portanto, o foco da pesquisa dos autores, pois esse se configura como um “espaço[ ] de resistência às heteronormas” e os espaços sociais (quartel, família, cabaré) são vistos como determinantes na construção desses corpos ou das estratégias de resistência utilizadas em relação à matriz heteronormativa.

As diversas contribuições que aqui se uniram demonstram o quanto o tema gênero e sexualidade é importante para se pensar as relações humanas em suas mais diversas configurações e nos mais diversos meios. Esperamos que os leitores possam, assim, desfrutar dessas leituras enriquecedoras e instigantes.